

Arquivo
20/12/96 Pg 15
1677

Rangel quer manter a Funai

Diretor da fundação diz que de nada adiantará mudar o nome se a falta de recursos persistir

A extinção da Fundação Nacional do Índio (Funai) e a criação de um outro órgão não irão resolver o problema do índio, segundo o diretor regional da Fundação, Benedito Rangel. Para ele, a medida defendida pelas organizações indígenas representaria o caos total para a comunidade indígena, pois de nada adianta mudar o nome se persistir a falta de recursos para a execução dos projetos.

De acordo com Rangel, algumas

reclamações de lideranças indígenas procedem, pois realmente os recursos estão cada vez mais escassos, além de algumas ações planejadas para 1996 terem ficado em segundo plano, impossibilitadas até mesmo de ser executadas. "Considero este ano o pior de todos. Foi a maior miséria", diz Rangel. Ele dá como exemplo a ida da Equipe Volante de Saúde (EVS) a uma única aldeia de um grupo yanomami. "Havíamos planejado pelo menos 20 EVS, doze a mais do que em 1995. Mas não tivemos dinheiro para isso", revela Rangel.

A equipe volante de saúde que sai da capital para atender as comunidades indígenas mais necessitadas é composta de um médico, enfermeiro, bioquímico, um atendente de enfermagem e um auxiliar de laboratório, que parte da capita de carro ou de barco. O grupo leva na bagagem medicamentos suficientes para atender os índios enfermos.

Apesar dos problemas, Rangel defende a Funai. Diz que a grande maioria das organizações indígenas que chamam o órgão ineficiente fala isso sem conhecimento de causa. "A fundação delimita e demarca área indígena e presta assistência jurídica. Também temos aqui a Casa do Índio, que é um centro de referência para o tratamento de doenças", explica.

Segundo Rangel, o centro funciona 24 horas e nele atuam três médicos, dois dentistas, três enfermeiros, assistentes sociais e 18 auxiliares de enfermagem. "Está totalmente equipado com laboratórios e quando não é possível realizar certos exames, o índio é atendido pela



A Casa do Índio é apontada como exemplo por Benedito Rangel

rede do SUS (Sistema Único de Saúde), com o qual temos convênio. Se o problema não puder ser solucionado em Manaus a Funai manda o paciente para centros de outros estados", garante o diretor regional.

Boas notícias - Rangel é otimista e crê que brevemente a situação da Funai será outra. É que, segundo ele, o presidente do órgão, Júlio Gaiger, vem demonstrando interesse de lutar pelo fortalecimento da fundação e melhoria de seu atendimento. "No nosso último encontro o presidente me garantiu que está

trabalhando para a reformulação da Funai, para que ela comece atuar satisfatoriamente e existir onde realmente deve".

Entre as promessas, está a ampliação da estrutura do órgão no Amazonas, que deixará de ser apenas uma administração para tornar-se coordenadoria regional. A diferença é que passaria a abranger todo o Estado, pois aumentariam os postos de administração que hoje não passam de cinco (Manaus, Tabatinga, Atalaia do Norte, São Gabriel da Cachoeira e Parintins), dando a estes mais autonomia.

Cimi diz que alguns órgãos atrapalham

Para Gunter Kroemer, membro da Conselho Indigenista Missionária (Cimi), alguns órgãos que se aproximam de comunidades indígenas declarando-se interessados pela causa e dispostos a colaborar, realmente atrapalham mais do que ajudam. "Nesse ponto as organizações indígenas têm razão. Elas estão tentando entrar num processo de autonomia e, de repente, se deparam com um passado de assistencialismo e paternalismo. Certos órgãos entram nas tribos levando seu próprio modelo organizativo, querendo mandar na vida dos índios", diz Kroemer.

A questão foi levantada durante o curso de formação de lideranças pelas organizações indígenas. Elas

estão dispostas a evitar a intromissão e criar um órgão onde participarão ativamente. "Essa autonomia gera certos desafios, inclusive para nós do Cimi. Para nos adequarmos precisaremos repensar nossos serviços", admite Kroemer, ressaltando que já há muitos índios com curso superior e capazes de defender seus interesses.

De acordo com o missionário, apesar da necessidade de uma reformulação, o Cimi geralmente é bem aceito pelo índio, que na maioria das vezes chega a convidá-lo para a assessoria. Ele revela que o contato com as aldeias se dá através da convivência, da parceria e de um sério trabalho de base. "Eles precisam do nosso apoio, pois esta-

mos defendendo seus direitos diante da sociedade".

A prioridade do Cimi este ano na educação, segundo Kroemer, foi ajudar na construção de escolas com plano bilíngue - português e a língua nativa - e cartilha com conteúdo próprio da tribo. Na saúde, o trabalho esteve voltado para programas específicos de análise de tuberculose nos índios Deni, localizados no rio Juruá. "Na área onde estão os Deni, estimados em 350, a malária foi quase erradicada. Trabalhamos em conjunto com a Fundação Nacional de Saúde", completa ele, alertando ainda que isso é reflexo do bom entendimento entre os membros da instituição e as comunidades indígenas.